

Preço da assignatura

Na cidade	Anno	1\$200 rs.
	Semestre	600 "
Fóra da cidade	Anno	1\$400 rs.
	Semestre	700 "
Numero avulso		30 "

JORNAL DE GUIMARÃES

Preço das publicações

Annuncios e comunicados, linha	40 rs.
Repetição, por linha	20 "
No corpo do jornal	100 "

As obras litterarias, quando o mereçam annunciam-se em troca de um exemplar.

Redacção, Administração e Typographia
Rua de Payo Galvão—Typographia Minerva

Orgão do Centro Nacional

Editor
Francisco A. da Silva

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

AOS LEITORES

Não se parece nada com os anteriores este numero do "Jornal de Guimarães,"
Vendo injustissimamente aggravado em publico um dos nossos melhores amigos, não hesitamos em pôr á sua disposição o nosso humilde semanario, para nelle publicar a sua defesa.
E estamos convencidos de que os leitores nada perderão com a variação.

A Redacção.

ABERTURA

DUMA FALLENCIA

(A MODO DE PROLOGO)

Na sua epistola aos Ephesios, S. Paulo diz que «o Senhor fez a uns Apostolos e a outros Prophetas e a outros Evangelistas e a outros Pastores e Doutores.»

E' pois de fé que nem todos nasceram para escriptores ou jornalistas. Como todas, a missão da imprensa exige uma vocação especial. Ai daquelles, podemos affoutamente dizê-lo, que adoptam um estado de vida ou se encarregam de exercer uma missão para a qual não receberam a graça da vocação! São intrusos, que muito compromettem a classe a que furtivamente pertencem.

Por via destas aberrações chora amarissimas lagrimas a Esposa Immaculada do Cordeiro, e vemos substituído o sanctuario das leis, comprometida, a mais não poder ser, a dignidade e os interesses da Patria, profanada a tribuna da imprensa.

Sim: escrever para a imprensa é exercer uma missão muito elevada e de supremas responsabilidades. O que se intromette a exercê-la sem ter a consciencia dos respectivos deveres, nem a noção das responsabilidades que ella exige, facilmente descamba em falsificador da verdade, (que é o alimento mais necessario á vida do nosso espirito), ou em sicario, que nas encruzilhadas maneja arma traiçoeira, ou, pelo menos, em intrujão de feira, que arenga ás turbas para vender, como maravilhoso elixir, a agua choca que colheu nos pantanos.

Esta é a lei, a regra. Mas não ha duvida que, como todas as outras, tambem esta tem excepções.

A necessidade, eis o inimigo implacavel da lei. Quantas vezes os meus leitores terão exercido a missão do medico, receitando, na ausencia deste, um caustico ao enfermo acommettido de grave pneumonia?

Eis a razão por que eu, sem ser escriptor, nem me sentir com vocação para tão elevada missão, entro hoje, como peregrino, no sanctuario da imprensa. Não me domina a vaidade: impõe-me este dever a necessidade. Se eu sentisse o prurido de me manifestar como escriptor, não me reservaria para a idade em que a vida se precipita para o seu termo. Em seguida ao exame de Instrução Primaria, ter-me-hia offerecido para correspondente de qualquer jornal.
Sinto sim, e dum modo muito

imperioso, a necessidade de reduzir ás devidas proporções uma imputação que estouvadamente me foi lançada em rosto por dois correspondentes dum jornal que, com razão, goza dos creditos de serio e bem informado. Faço-o, não tanto por me repugnar o sacrificio que a accusação impõe á minha humilde pessoa, mas por me parecer que os seus auctores tiveram pressa em a fazer, e com côres bastante carregadas, por se tratar dum padre, ou antes dum parochio que é tido por zeloso no cumprimento dos seus deveres e, por tanto, classificado de jesuita por um certo numero de typos. Antes assim fosse. Nesta epoca, em que a penna romba de tantos escribas e correspondentes de jornaes avariados e de tantos fazedores de novellas, á falta de assumpto, repete todos os dias a accusação, tantas vezes pulverizada, de que o clero é defensor do obscurantismo, inimigo da civilização, do progresso e da liberdade, deixar passar a accusação de que eu sou «inimigo da instrucção», seria uma traição feita á nobre classe a que pertence e dar aos seus detractores ensejo para esfregarem as mãos de contentes e continuarem em taes façanhas. Não pode ser. Lamento que tenha de fallar de mim, fazendo a resenha, embora resumida, dos humildes serviços que tenho prestado á nobre causa da instrucção das creanças e do povo. Anima-me porém, para vencer esta repugnancia, o exemplo do Apostolo das Gentes. Mais do que isto, lamento ainda não poder adduzir a minha defesa sem deixar em fracos lençoes os correspondentes, meus detractores, principalmente o das Taipas, que considero como principal auctor do *illustre feito*. A perda do credito em breve se segue a fallencia. Se a minha defesa importar a abertura da fallencia do credito do dito correspondente, como tal considerado, paciencia. O publico não perderá muito com isso. O que vale a sua seriedade, todo o mundo o sabe.

Posto isto entremos na

Narração do caso horrendo

No dia 17 de agosto do anno corrente celebrou a sua primeira missa na igreja parochial de S. Lourenço de Sande, deste concelho de Guimarães, o padre Silva Gonçalves, dalli natural. O novo Levita e seus bondosos paes procuraram dar á festa todo o brillantismo, que exige uma manifestação desta natureza. Fui convidado para ser presbytero assistente ao novel sacerdote em acto tão solemne. Mas o convite collidia com compromissos do pulpito, que eu tinha assumido, e

Sua Reverencia porem, que affirmava em tom categorico e positivo que ou a festa se não fazia, ou havia de ser eu o seu padrinho, encarregou-se de affastar as difficuldades, e eu tive que apresentar-me. Confesso que aceitei o convite pela muita deferencia e sympathia para com o padre Silva Gonçalves e por não querer dar o minimo motivo a Sua Reverencia, para que a sua festa deixasse de ser, para elle e seus bondosos paes, toda de satisfação e regozijo. A vista de tanta insistencia desisti promptamente da opinião que manifestei a S. Reverencia e a seus paes (por me ser pedida) a respeito do modo de celebrar a sua primeira missa. A experiencia e a observação attenta dos factos levaram-me á convicção de que raras vezes se celebram festas desta natureza, sem que as alegrias daquelle dia deixem por fim de ser muito prejudicadas pelo travôr dalgum desgosto. Tambem aproveito a occasião para declarar a razão por que Sua Reverencia tanto insistiu pela minha presença na sua festa e me destinou o primeiro logar junto de si. Todos os amigos de Sua Reverencia sabem que a sua vida de tirocinio para o sacerdocio foi agitada por implacaveis tormentas, que se desencadearam sobre a sua pessoa, a ponto de lhe causarem muitos sustos e bastantes desanimações. A calumnia repetida a toda a hora e por toda a parte encontra sempre ignorantes e mal intencionados que a escutam e reproduzem, muito embora sejam mostruosas as suas affirmações. Começou então a correr mundo a opinião, manifestada a meia voz, de que na alma do jovem poeta não havia vocação para o sacerdocio. Como se houvesse incompatibilidade! . . . Nestas alturas, pelas suas faces deslizaram muitas lagrimas e do seu coração, muito sensivel, gotejou muito sangue. Teve medo ao naufragio. Nos tranzes mais afflictivos e mais rudes desabafou as suas máguas com um jovem sacerdote, seu amigo intimo, que tambem tinha tragado em grandes doses o calice da amargura durante o seu tirocinio para a vida sacerdotal. «Já passaram por mim soffrimentos semelhantes aos teus, disse este ao Silva Gonçalves; como tu, senti accommetter-me o desanimo, ao ver-me em frente do Cabo das Tormentas, que talvez nunca fosse para mim Cabo da Boa Esperança, se nestas alturas se me não deparasse um coração amigo, que me incutiu animo e me guiou por senda segura. Muito embora sejam poucas as tuas relações com elle, deves pedir-lhe conselho. Não ha necessidade de apresentaçã.»

Em breve entre mim e Silva Gonçalves já não havia apenas os debeis laços dum parentesco bas-

amigos sinceros. Pareceu-me ver, através daquelle véo opaco e fronzino, uma bella alma, rica de intelligencia, e, dentro do debil peito, um coração a trasbordar de bons sentimentos, de generosas aspirações. Comprehendemo-nos. Conheci-lhe porém um defeito: a propensão para pintar com côres um pouco exageradas a guerra que lhe moviam e o céu sombrio, no qual lhe parecia não divisar uma estrella. Isto porém não admira numa imaginação viva, ardente, imaginação de poeta. Algumas vezes, em conversas, putras, em cartas que lhe dirigi, procurei reduzir as cousas ás devidas proporções, incutir-lhe animo, alentá-lo com a esperanza certa dum triumpho proximo e brilhante. Fiz o que pude em seu favor. E não foi a politica quem me norteou, diga-se de passagem. O pae é meu adversario. O filho propende para os nacionalistas. Já assim se manifestava, quando eu ainda era rotativo. A quem servir a carapuça aproveite-a . . . Demais, é certo que bem pequenos foram os serviços que lhe prestei; mas, ainda que fossem grandes, nunca faria delles alarde. Ha pois uma desproporção enorme entre a pequenez do que fiz por elle e a grandeza da gratidão que elle me consagra. Eis a razão do convite a que atrás me referi. Fiz a breve resenha, que aqui fica, muito contrariado; mas, para o fim que tenho em vista, assim era necessario. Não sei nem me importa saber se alguém viu mal a escolha do padrinho feita pelo novo Levita. Isto era com elle e só com elle.

Depois de terminar o acto religioso, que não descrevo por não dizer respeito ao assumpto, seguiu-se um luto banquete offerecido a perto de duzentos convidados, — estudantes, padres, parentes e amigos do novo Levita, o qual se effectuou á sombra dos verdejantes pampanos duma extensa ramada. Depois que a luz da stearina veiu substituir a do sol, que naquelle dia não deixou muitas saudades, porque era ardentissimo, o vasto recinto converteu-se em salão phantastico, que fazia lembrar os que frequentemente se descrevem nas *Mil e uma noites*.

Que bellas horas em perspectiva! . . . que momentos tão agradaveis! . . . Eu a felicitar o afilhado; . . . outro o padre Silva Gonçalves; . . . aquelle o poeta Correia Gil; . . . aquelle outro o Capellão de Travanca, ou da Falperra; . . . ainda outro o companheiro da infancia; . . . mais outro o orador esperançoso . . . e até creio que não faltaria algum brinde ao conhecido Pinta Negra. Era chegado o momento, em que os amigos do padre Silva Gonçalves, abertas as valvulas do coração, que represaram por muito tempo o calce

palavra quente, vibrante, sincera, expandir-se em felicitações ao novo Levita. Nestas alturas, começava eu a pensar nos termos com que devia dar o signal para romper a artilharia dos brindes, dirigindo-me ao novo e estimavel afilhado, a seus paes e ao velho e sympathico avô, que á minha esquerda rejubilava de contente, como se uma admiravel metamorphose o tivesse feito recuar dos oitenta e oito annos aos vinte. Ao vêr alguns rapazes, cujo peito era vulcão que ameaçava explodir, irrequietos pela tardança, fiz o primeiro brinde. Levantou-se em segundo logar o sympathico e bem vindo Abba de S. João do Souto, o José do Egypto. Todos sabem como elle falla, com que attenção é escutado; porque as suas palavras têm sempre o condão de ser engraçadas e traduzir elevadissimos conceitos. E' primoroso na forma; da sua bocca não sai uma inconveniencia. Por elle não vem o mal ao mundo.

Chegado a este ponto, a penna emperra: ha reluctancias na vontade. O réo de muitos peccados, que á porta da cella do padre confessor espera a vez para cair aos pés de S. Rev.^a, afim de confessar os seus delictos, oh! quantas tentações soffre de, em pés de lá, descer a escada e saltar para a rua! E não hei de eu sentir a tentação de amaldiçoar a hora, em que tomei a resolução de abrir fallencia aos correspondentes de Guimarães e Taipas para o conceituado jornal portuense, em vez de os entregar ao merecido desprezo? A tentação de pôr ponto e retirar-me muito caladamente, para não soffrer a grandissima vergonha de confessar o meu peccado, não a um padre, mas, o que é mil vezes peor, ao publico?! . . . Mas agora não ha remedio. Já me annunciei ao confessor pelo Communicado inserto na «Palavra» de 21.

Retirar seria uma vergonha!

Confessar o meu delicto em taes condições é para mim grande sacrificio; mas, francamente, enormissimo sacrificio para mim é vêr-me na triste necessidade de me assemelhar por momentos á beata fingida que vai para o confessionario dizer, antes dos seus, os peccados do marido. Mas no caso de que se trata é uma necessidade: portanto, os leitores hão de desculpar-me.

Vamos pois ao brinde que motivou o celebre e lastimoso incidente.

3.º brinde. Ainda o bom abba de S. João do Souto não tinha terminado o seu brinde, quando o correspondente das Taipas para o «Comercio do Porto» e professor official de S. Martinho de Sande se levanta dum extremidade da mesa e vem postar-se em frente do

evitar o desgosto de que mais alguém fallasse antes delle. Estava dado o primeiro passo para o lamentável incidente, que este brinde occasionou e que, como agua fria na fervura, veio arrefecer o entusiasmo que devia reinar numa festa tão sympathica. Sim; soffra S. Ex.^a que lhe diga o que os amigos e a propria consciencia lhe devem ter repetido muitas vezes: — Attenta a natureza da festa, ainda não era chegada a occasião propria para manifestar os seus raros dotes oratorios.

Se se tratasse duma ovação a um professor primario, então sim: a S. Ex.^a, como orador eximio e membro dessa illustre classe, deviam ser dadas todas as preferencias.

Mas tratava-se duma festa em honra de um padre, que naquella dia exercera pela vez primeira o mais sublime ministerio do sacerdotio, e do qual espera muito lustre e honra a nobre classe em que se alistou; classe que alli se achava bem representada não só pelo numero, mas até pela distincção de alguns de seus membros.

O orador em questão passou por cima do Moreira Leite, PAROCHO DO NOVO LEVITA E PREGADOR DA FESTA; dos acolytos, jovens padres, que as mais bellas qualidades exornam; do Paulino Aphonso, escriptor já assás conhecido, primoroso orador sagrado, modelo de parochos, e admirador do P.^o Silva Gonçalves; do padre José Fernandes de Araújo, dotado duma intelligencia muito acima do vulgar e confidente intimo das mais intimas maguas do novo levita; etc. etc.

Demais, para que se possa fazer um juizo seguro a respeito dos factos que se seguem, é necessario que o publico saiba que o orador tem dado frequentes provas de que não morre de sympathias pela classe ecclesiastica, aproveitando todas as occasiões para a deprimir; do que já tinha dado provas naquella dia. Emquanto na igreja se celebrava o acto religioso, S. Ex.^a permaneceu no adro a alardear serviços prestados a varios padres, insistindo na ideia de que, se alguma cousa são a si o devem, na qualidade de professor de primeiras letras: e quando chegou a occasião do beija-mão, e alguém lembrou a S. Ex.^a a conveniencia de ir prestar esta prova de veneração ao novo Levita e, na pessoa delle, a classe ecclesiastica, respondeu com aquelles ares de vaidade e orgulho que tanto o caracterizam: «Eu não vou lá: não beijo a mão em que já dei muitas palmatoadas». — «Mas os paes tambem lha beijam, retorquiu um dos cavalheiros presentes». — «E' porque são tolos» replicou ainda S. Ex.^a. Estes factos eram já conhecidos de muitos dos convidados.

Dahi o pessimo effeito da sua apresentação naquella altura para brindar. Esperava-se que S. Ex.^a em rasgos oratorios, em que é fecundo, conseguiria desfazer aquella má impressão e empolgar o auditorio.

Mas fallar bem e com entusiasmo, quando o coração está pobre, quando a festa não é propria para nos commover por não nos ser sympathica... impossivel! Nestas condições, ou fugimos do assumpto, ou fallamos com uma frieza que causa fastio.

Uma e outra cousa se deu com o brinde do Ex.^{mo} Sr. professor. Vamos reproduzi-lo o mais fielmente possível. Se previssemos que tínhamos de vir para a imprensa fazer a narração e a critica do lastimável incidente, teríamos guardado com cuidado todas as palavras do orador. Passados dias já não era possível reproduzi-las fielmente.

Ainda assim, abonamos a legitima paternidade da ideia e até da maior parte das palavras. E' como segue:

«Meus senhores, exclama o orador, eu tambem tenho direito de levantar aqui a minha voz. Pertencendo á prestimosa classe do professorado: nesta qualidade prestei ao novo Levita o mais importante de todos os serviços; ensinando-lhe o A. B. C. abri-lhe o caminho para a

mo outros muitos, andar a roçar matto no monte».

O orador foi interrompido por um padre ainda novo (já vêem que não fui eu), o qual, com o sangue da mocidade a ferver-lhe nas veias, não teve força para se conter e levantou um «protesto» seguido destas palavras «cotinue e logo fallaremos». O orador continuou: «Brindo pois ás duas classes illustres, a do professorado e a ecclesiastica, não podendo deixar de pôr em primeiro logar aquella, como em certo modo superior, por serem mais relevantes os serviços que presta á sociedade».

Eis a causa principal do incidente.

Entre as muitas dezenas de convidados, nem um só deixou de o reconhecer; e, se alguns o não confessam, nem por isso deixam de o sentir.

Numa occasião, em que todos os brindes, com poucas e accidentaes excepções, se deviam dirigir ao novel sacerdote e á sua familia, deixando ao heroe da festa o cuidado de os rematar com uma saudação aos seus parentes e amigos e a todos os que, por qualquer modo, lhe prestaram auxilio para chegar a ordenar-se de presbytero (e sabemos que era intenção de S. Rev.^a dirigir-se, neste brinde, ao seu professor de primeiras letras, e, na pessoa delle, á benemerita classe do professorado primario), o brinde em questão foi sem duvida extemporaneo e inconveniente, mórmente porque a sua essencia se reduzia isto: «Apesar de os brindes estarem em principio, não quero ficar esquecido: por isso, peço um brinde para mim, porque, ensinando o A. B. C. ao novo Levita, evitei que elle andasse a roçar matto no monte».

Era a vaidade, a paixão predominante em S. Ex.^a, a manifestar-se aqui como em qualquer parte. Em abono desta affirmacão, podia eu narrar um incidente muito curioso, que se deu ha meses na festa annual da benemerita Sociedade Martins Sarmento, quando o Ex.^{mo} Presidente se referiu, em palavras repassadas de muita saudade, á memoria do sabio advogado e eximio orador Dr. Avelino.

Podia narrar o episodio muito pittoresco succedido numa casa da freguezia de S. Martinho de Sande, por occasião do banquete que uma illustre familia desta freguezia offerceu a varios convidados, no fim duma festa em honra de N. Senhora do Rosario.

Fallou pouco para que o Ex.^{mo} professor de que se trata recebesse das mãos dum valente transmontano, então conego da Real Collegiada e hoje Prelado duma das nossas dioceses ultramarinas, o oitavo sacramento, muito embora já o tivesse recebido por mais vezes. Mas, se enveredasse por este caminho, poria certamente em maior evidencia os traços geraes que caracterizam o meu detractor, mas alongar-me-hia demasiadamente.

Passemos pois adiante. Logo que S. Ex.^a terminou o seu brinde, o meu collega, que durante elle tinha levantado o «protesto», usou da palavra para se explicar. Não me recordo das proprias palavras de S. Rev.^a Lembro-me porém que censurou o professorado primario por desprezar a educação religiosa das creanças, o que lhe valco este à parte «não é do programma» (1)

«...»

«...»

«...»

(1) Não assistimos aos factos, a que se refere o auctor deste escripto, e por isso não sabemos bem em que sentido o sr. professor pronunciou as palavras «não é do programma». Todavia, tomando-as no sentido obvio, parece-nos que não traduzem a verdade: porquanto a lei manda ensinar ás creanças o mais essencial da doutrina christã, recomendoando que o professor tenha «todo o cuidado em que os seus discipulos pronunciem claramente as palavras, e que estas se combinem de modo que as phrases saiam correctas, afim de não produzirem alteracão no sentido das orações»; manda tambem que os mestres ensinam moral aos educandos, e diz que este ensino tem «por fim formar o coração das creanças para o bem e para o justo». Ora isto cremos nós que é o que no texto se chama educação religiosa.

proferido em tom desabrido por outro membro do professorado, que tambem não devia ter accedido o convite para aquella festa, por motivos que aqui se não dizem.

Então o incidente generalizou-se. Cendemno primeiramente os que lhe deram causa e em segundo logar todos os que, por se esquecerem da occasião, o mantiveram em pé, por alguns minutos, com ditos mais ou menos azedos, com phrases mais ou menos impensadas. Incluo-me no numero destes e aqui faço a confissão publica do meu peccado, já que publico se tornou pela imprensa.

Para ser ouvido por todos os convidados disse, dirigindo-me ao illustre professor, que, se o Silva Gonçalves era padre por S. Ex.^a lhe ensinar o A. B. C.—S. Ex.^a era professor e professor digno (o que disse sem ironia), porque, quando se preparava para o exame de habilitação para o magisterio, recebeu lições dum padre (1), nas quaes aprendeu mais em um mês, do que aprendera em muitos meses e annos com outros, como S. Ex.^a mesmo me tinha declarado numa occasião em que elogiava a aptidão de que para o ensino era dotado esse padre.

Quis, com estas breves palavras, indicar ao illustre professor a falsidade das premissas em que fundara a conclusão de que a classe do professorado era superior á ecclesiastica; e quis chamar-lhe a attenção para a necessidade de se corrigir daquella vaidade, que o leva a dizer a respeito de qualquer alumno seu, que algum dia chega a ser alguém, esta phrase: «a mim o deve.» Conte tambem, para ser por todos ouvido, o caso de um menino, que se apresentou no lyceu de Braga para fazer exame de instrucção primaria, não saber o Padre Nosso e, ao ver um padre a fazer parte do jury, ficar espantado, aterrorizado, a ponto de se voltar para as bancadas e exclamar — *Papá, está alli um padre!!!*

Trouxe-me á memoria este caso outro de um estudante, que em pleno exame, ao dizer a Salvé Rainha soltou estas palavras — *E ós pois, advogada nossa*, contado pelo meu collega do «protesto».

Em conversa particular com o Ex.^{mo} Sr. Carvalho Salgado, muito digno vereador da actual camara de Guimarães, mas em voz natural, de modo que podia ser ouvido por todos os convidados que se achavam mais proximos, lamentei o atraso em que se acha entre nós a instrucção: frisei a ideia de que um notavel numero de professores primarios estavam muito longe de cumprir com o seu dever, dando provas de que não têm amor algum á profissão que exercem; e, no calor da discussão, de meus labios saíram umas palavras que, interpretadas á letra, encerram um absurdo, mas que nunca deviam assim ser interpretadas, se se attendesse ás circumstancias que as precederam, acompanharam, e a ellas se seguiram, e se se attendesse a que a pessoa que as proferiu tem prestado culto publico e sincero á causa da instrucção das creanças e do povo.

Nenhum dos cavalheiros que as ouviram as interpretou no sentido que lhe deu, muito maliciosamente, o meu detractor principal, que é o correspondente das Taipas para o *Commercio do Porto* e professor official em S. Martinho de Sande. As celebres palavras foram estas — «A camara de Guimarães gasta annualmente dez contos de reis com a instrucção: quando eu voltar a ser camarista, supprimirei esta verba do orçamento.»

Abstrahindo de quaesquer considerações, pergunto aos leitores se se pode suppôr por um momento

única educação propriamente digna deste nome, podemos acrescentar, dizemos, que, tendo assistido a muitos exames de Instrucção Primaria, havemos notado com muita dor que o ensino da doutrina christã e da moral é por muitos professores quasi completamente descuidado.

Nota da Redacção.

sequer que estas palavras fossem proferidas a sério. Mas se no animo de alguém resta duvida, peço-lhe que sobre o assumpto ouça a opinião dos Ex.^{mos} Srs. José Joaquim Ferreira Monteiro, tenente Couto Villas, Abade José do Egypto Vieira, Antonio Joaquim Cardoso, negociante em Braga, Padre João Moreira Leite e outros muitos, que se achavam á mesa, em logares proximos ao meu. Quanto á interpretação, que lhe deu o Ex.^{mo} Sr. Salgado, meu interlocutor, consulte-se a correspondencia que entre nós houve, por causa do incidente, e que vai no fim deste trabalho. Demais, todos os referidos convidados, á excepção de algum que estivesse distraído, quando o Ex.^{mo} Sr. Salgado disse que, em vez de supprimir, duplicaria a dita verba, com certeza ouviram eu responder-lhe: «Sim: para ser bem applicada, tambem eu; estamos pois de accordo.»

Logo um espirito mediocremente allumiado e de mediana boa fé entenderia aquellas minhas primeiras palavras neste sentido: «Costume muito ver o pouco fructo, que para a instrucção do povo se tira de tão importante verba, com que annualmente se sacrificam os municipes. E se algum dia tivesse na minha mão a direcção de semelhantes negocios, empenhar-me-hia para que delles se colhessem melhores resultados.» E que não sou inteiramente hospede na materia, sabe-o muita gente, e os leitores o verão antes de acabarem de ler este arazoado, se para tanto tiverem paciencia.

Ah! se os correspondentes de *O Commercio do Porto*, principalmente o das Taipas, que deu origem ao incidente e a elle se achou presente, tivesse consultado o Ex.^{mo} Senhor Silva Carvalho Salgado, como eu a principio erradamente suppus, teriam evitado este conflicto, e a imprensa teria de menos um escandalo que registrar. Se eu então tivesse o conhecimento que hoje tenho das qualidades que exornam o Ex.^{mo} Sr. Salgado, não teria alimentado em meu espirito aquella suspeita, nem por um momento.

Então julgou-se terminado o incidente, porque o Rev.^{mo} Abade de Ronfe, com esse intuito, pediu em honra do Sr. professor de S. Martinho um brinde, a que o maior numero dos assistentes corresponderam, protestando que ninguem teve intenção de menos-cabar os seus merecimentos como professor; brinde a que eu correspondi em pé, dizendo bem alto que sempre o tive na conta de um professor digno. Voltou-se ás expansões de regozijo e continuaram os brindes ao novo Levita e a seus bondosos paes.

Enganaram-se porém todos os que julgaram terminado o conflicto. Poucos dias depois, em correspondencia de Guimarães, sem duvida inspirada pelo correspondente das Taipas, appareceu em *O Commercio do Porto* a noticia de que, no fim dum jantar, o professor official de Sande tinha sido alvo duma ovação, até por parte de alguns ecclesiasticos, não obstante um cavalheiro, que já foi camarista, se mostrar tão inimigo da instrucção, que o seu affirmar que, em voltando áquelle logar, supprimiria a verba camararia para a instrucção primaria.

Era eu o alvejado nestes dizeres. Um amigo enviou-me o citado jornal. Li e resolvi votar ao merecido desprezo o mal intencionado auctor da noticia. Passados dias, no mesmo jornal, em correspondencia das Taipas, voltava-se á carga, corroborando em a nova auctoridade os factos narrados na correspondencia de Guimarães, e insinuava-se no animo do publico que no incidente referido se deram cousas mais horrendas, cuja narração se omitia pelo respeito devido á indole de *O Commercio do Porto*. Foi então que eu, pelas razões apresentadas no *A modo de prologo*, tomei a resolução de dizer da minha causa. Não perco tempo a definir a celebre ovação. Limite-me a dizer que foi uma cousa á semelhança do que se passou na estação ferroviaria de Braga, quando o vencedor do Gun-

minaristas, electrizados pelo sentimento patriótico, repetiram-no em Travanca (1) os Abades, Priores, Reitores, Vigarios e mais clerigos, dominados pela admiração e sympathia para com o illustre professor!...

Adiante. Para se avaliar devidamente da boa fé que presidiu á confecção das correspondencias citadas, note-se, antes de mais nada, que lá não se encontra nem uma palavra a respeito do meu collega que protestou contra a affirmacão do sr. professor no seu brinde; e todavia é certo que este, com as suas inconveniencias, e aquelle com o seu protesto, foram os unicos causadores do incidente. Fui eu o unico alvejado. Aqui ha gato; e é necessario descobri-lo. Creio que não será difficil. Estou convencido de que o meu detractor se julgou ferido na sua vaidade, porque, apesar de ser primô do Padre Silva Gonçalves, este no brinde de agradecimento disse que «brindava os seus parentes na pessoa do Sr. Prior de Souto, porque, apesar de ser parente remoto, lhe devia um certo numero de finezas». «Que serão todas essas finezas em comparacão com as de que eu sou credor, disse talvez S. Ex.^a lá consigo? Já se esqueceu de que, se eu lhe não ensinara o A. B. C., andaria a roçar no monte?! Conta commigo!...

«Mas feri-lo directamente, depois de ter accedido o seu convite, depois de ter vindo banquetear-me a sua casa, será cousa calva de mais. Como elle porem tem dado a entender que o seu grande amigo é o Prior do Souto, vou feri-lo na pessoa deste, porque esta raça de feridas dá muito mais que soffrer... E para que os leitores avaliem quão terrivel foi para o coração sensível do Padre Silva Gonçalves este golpe dado com tanta aleivosia, chamo-lhes de novo a attenção para a razão do convite que elle me fez para padrinho da sua missa nova.

Demais, a vaidade do sr. professor, sob pena de não ficar satisfeita, alem da victima occulta, exigia outra, que como tal apparecesse deante do publico.

Esta devia ser ainda a minha pessoa. Por quê? Os leitores vão já sabê-lo.

No mês de novembro de 1883, os respeitaveis sacerdotes Frei Domingos Sanches e Frei Antonio Gaiato, varatojanos, abriram em Sande (S. Martinho) uma missão. S. Ex.^a já então escrevinhava, para se exercitar, a sua correspondenciazinha para o «Janeiro», ou coisa que o valha.

Metteno o bedelho sobre o assumpto: quis dar a sua ferroadazinha nos pobres missionarios e perguntou, todo empertigado: «Que vêm elles cá fazer?». Poucos dias depois, fui eu até Sande, para ouvir a voz auctorizada de tão bons mestres. Ainda era cedo.

Enquanto se esperava pela hora do sermão, formou-se atrás da capella-mór da igreja parochial um grupo de alguns padres, incluindo a minha humilde pessoa. Em breve S. Ex.^a tomava parte no cavaco para dizer das suas. «Não posso conformar-me de modo algum, dizia o recém-chegado, com certas coisas que esses reverendos, que para ahi estão a arengar ás turbas, dizem do pulpito. Frequentes vezes os ouço fallar da justa ira de Deus. Quem ha ahi que não saiba que a ira é um peccado capital? Ora attribuir a Deus uma paixão classificada de peccado mortal é uma tollice, uma insensatez. E que diremos de quem classifica de justa uma tão terrivel paixão? Por aqui devemos avaliar de tudo o mais que esses papantes ensinam... Alguns collegas meus quiseram responder-lhe a serio. Eu limitei-me a dizer: «Ha por ahi quem se julgue muito sabio e entendido e não sabe o que os missionarios vêm fazer. Pois eu sei: vêm trazer ocullos a quem vê pouco.» S. Ex.^a já nesse tempo me parece que usava lunetas...

A conversa terminou com uma gargalhada.

O grupo desfez-se. S. Ex.^a retirou-se resmungando e, na correspondência seguinte, beliscava fortemente o padre da montanha, que veio cá para baixo dizer que os missionários traziam vista aos cegos. Em 27 de julho de 1884 fui pregar na festa do SS. Sacramento que se celebrava na igreja parochial de Santa Marinha da Costa. Quando subi para o púlpito, dirigindo a vista para o côro, vi S. Ex.^a encostado á grade e disse cá commigo: "Cautela! — aquelle ouvinte vale por um auditorio... a sua critica é terrivel..."

Quando no meio do exordio procurei com a vista prescrutar as impressões do meu querido ouvinte, vi deserto o logar que occupava. Paciencia!

Ao cair da noite, voltava eu para Guimarães. A breves passos encontrei-me com S. Ex.^a, que seguia o mesmo caminho. Depois dos cumprimentos do estilo, usei perguntar-lhe se não tinha gostado do texto do sermão, pois que tão depressa se retirara. Respondeu que não ouvia sermões, porque nelles nada de novo aprendia.

Eram dados poucos passos mais, e já S. Ex.^a fallava, ou antes barafustava contra os Jesuitas. Reparei, para averiguar se os traria escarranchados no nariz, como Mallebranche trazia a perna de carneiro, e quis-me parecer que sim. Estive para dar ás de Villa Diogo; mas revesti-me de coragem e tornei a olhar. A traçozeira luz da lua, projectando na velha congosta as mal desenhadas sombras do elevado arvoredo, tinha-me iludido. O que S. Ex.^a trazia sobre o nariz deviam ser algumas lunetas. Estava no principio da sua carreira, mas já tinha aspirações a ser alguma. Como homem entendido já em todos os methodos de ensino pedagogico, pôs pela rua da amargura o ensino dos Jesuitas em seus collegios. S. Ex.^a já então tinha um certo jeito para ficar de quando em vez embasbacado; e ficou-o principalmente, quando lhe argumentei com o collegio de Campolide. Como a resposta ficava para outra vez, deixei-o ficar e segui o meu caminho na companhia de outras pessoas amigas. No fundo da sua alma enraizou-se mais um odiozinho contra mim. Nunca mais me dispensou além duns meios cumprimentos a meia voz.

Já vêem os leitores que devia ser eu a victima.

Um inimigo da instrucção

Se a confissão do meu delicto foi tão humilhante e custosa, a das virtudes não o é menos, porque mais uma vez tenho de me assemelhar a uns certos penitentes, que vão para o confessorio apregoar as virtudes e o bem que fazem. Porém mais uma vez declaro que o não faço por vaidade, mas por necessidade.

A breve resenha dos humildes serviços por mim prestados á causa da instrucção das creanças e do povo será a prova evidente de quão maliciosa foi a accusação feita, nas alludidas correspondencias (porque dalguns factos que vou referir tinha perfeito conhecimento o snr. correspondente das Taipas), e servirá de base para que a critica desapassionada avalie o verdadeiro sentido das palavras, em que se pretende fundamentar a accusação contra mim. Depois de concluir o curso theologico em junho de 1875, voltei em outubro para o lyceu de Braga para, por odio á instrucção, frequentar a aula de Introcção e seguir, talvez no anno seguinte, para Coimbra, afim de me formar. Porém, por falta de idade, estava ainda longe a minha ordenação de presbytero: os meios pecuniarios não eram muitos e meu irmão frequentava ainda o curso theologico.

Estava em ferias do Natal, quando soule que se procurava um professor para a "Escola Briteirense", fundada pelo benen-

Acompanhado pelo Ex.^{mo} Sr. Francisco José da Costa e Silva, das Taipas, fui offerecer-me para aquelle cargo, o qual comeci a exercer, por odio á instrucção, em 26 de fevereiro de 1876. Norteo-me o desejo de trabalhar, porque odiei sempre a ociosidade e nunca sympathizei com ociosos, e o desejo de, por odio á instrucção, me habilitar a auxiliar, quanto me fosse possivel, a formatura de meu irmão, tendo decididamente desistido da minha. Tenho a consciencia de que cumpri escrupulosamente os deveres de professor. Abriu-se a escola com uma matricula numerosa, que augmentava cada dia. A maior parte dos alumnos iam aprender o ABC. Alguns que o sabiam deram-me duplicado trabalho para lhes corrigir os defeitos. Concorriam á escola alumnos das seguintes freguezias: Briteiros (Santa Leocadia, Salvador e Santo Estevão), Santa Christina, S. Claudio do Barco (não obstante terem a menor distancia a escola de S. Lourenço de Sande, regida por um bom professor), Mosteiro de Souto (dos poucos freguezes que aqui tenho, que sabem ler e escrever, alguns aprenderam lá), S. Martinho do Campo, S. Emilião de Lanhoso e Salvador de Donim. No fim de quinze meses houve os primeiros exames para distribuição de premios, que foram feitos na presença dos paes das creanças, de numerosos convidados, alguns muito distinctos, como o Ex.^{mo} Dr. Martins Sarmiento, de saudosa memoria, e autoridades de Guimarães.

Os exames constavam de leitura em letra redonda e manuscrita, em prosa e verso, das quatro operações arithmeticas, quebrados, regra de três, juro, systema metrico e doutrina christá.

Creio não me enganar, afirmando que o numero dos premiados foi pouco mais ou menos de doze.

Continuei a trabalhar, por odio á instrucção, para que no anno seguinte, 1878, o resultado excedesse a expectativa. E excedeu. Houve alumnos que, além de apresentarem magnificas escriptas, fizeram exames distinctos em todas as materias acima referidas e resolveram problemas numerosos e bastante difficis com uma facilidade e promptidão, que mereceram os maiores elogios dos espectadores. Excedeu-os porém a todos uma alumna que commigo tinha aprendido o ABC, por nome Maria Fernandes, que creio que ainda hoje vive na freguezia do Salvador de Briteiros. No fim do exame, os Ex.^{mos} Snrs. Dr. Martins Sarmiento, Francisco José da Costa e Silva e muitos outros cavalheiros presentes fizeram á referida alumna os mais rasgados elogios e deram-lhe os mais sinceros parabens.

O Ex.^{mo} Sr. Seraphim Antunes Guimarães, sobrinho do fundador da "Escola Briteirense", por mais duma vez me transmittiu as boas impressões com que se retiravam os convidados desta festa. Não me atreveria a narrar estes factos, se não soubesse que são vivos alguns cavalheiros e muitos alumnos daquela escola, meus discipulos, que os confirmarão com o seu testemunho franco e decidido. Creio que o sangue portuguez não estará degenerado a ponto de não se encontrar ninguem que seja superior ás mesquinhas conveniencias ou a quichotescos temores. Quando necessario seja, appellarei para os muitos empregados do commercio que, no fim de dois annos de escola, estavam perfectamente habilitados para se iniciarem nessa carreira.

Mas agora era presbytero e habilitado com exame de concurso. Deus chamou-me a outro posto. A escola podia ser regida por um leigo. Deixei-a para ir parochiar a freguezia de Poiares, no concelho de Ponte de Lima. Quanto lá trabalhei, durante dois annos e meio, para instruir o povo daquela parochia, que tinha desido ao infimo gráu da abjecção moral, e para reformar os seus costumes, pelos meios que a reli-

giosos freguezes que ainda sobrevivem.

Transferido para esta, (1) no fim de junho de 1882, não me lancei nos braços da ociosidade. Sujeitei-me a trabalhos superiores ás minhas forças, a ponto de em breve arruinar a saude (2).

No ministerio do pulpito, que naquelle tempo exercia largamente, procurei sempre não tanto delectar os ouvintes, mas principalmente instrui-los. E não era o interesse que me movia os passos. De quinhentas e doze vezes que exerci aquelle elevado munus, fi-lo duzentas e vinte e tres vezes gratuitamente: das restantes vezes recebi a esmola que voluntariamente me offereceram. E' talvez por isso que ainda hoje, apesar de pregar mais raras vezes, ainda sou frequentemente procurado para ser o orador em festas de caridade.

Não descurei a instrucção civil das creanças e do povo no meio das minhas multiplicadas occupações.

Neste ponto envio os leitores para os documentos que vão no fim, para não ser prolixo. Podia juntar outros muitos, se os pedisse. Vão sómente aquelles que mais promptamente me foram enviados.

Desde que numa freguezia vizinha se abriu uma escola official, limitei-me a aconsellar, ou antes, a demonstrar aos meus freguezes a obrigação que têm de mandar os filhos á escola; e não me descuido de lhes lembrar este dever todas as vezes que lhes fallo nas suas obrigações, como chefes de familia.

A educação moral e religiosa das creanças, essa nunca a confiei a outrem.

Tenho a minha escola de catechese, que funciona todos os dias santificados, com raras excepções, durante a hora que precede a missa parochial; e todos os dias, durante dois meses consecutivos, no verão, por espaço de hora e meia.

Está aberta esta escola diaria até ao dia 4 do proximo outubro. Frequentam-na as creanças, em numero de vinte e quatro, a quem no primeiro domingo de outubro administrarei a primeira communhão. Se os meus detractores se dessem ao incommodo de vir inspeciona-la, estimá-lo-hia eu muito; e elles veriam que ha professores que podiam aprender dos meus alumnos alguma coisa para ensinarem aos seus...

Dir-me-hão talvez que perante as modernas ideias o meu trabalho é inutil ou até prejudicial.

Estou cansado, e por isso furto-me a largas considerações, que podia fazer sobre o assumpto. Para os leitores sensatos não são precisas. Aos obstinados offereço um argumento escripto por Camillo Castello Branco. Não aponto a obra, em que elle se encontra, por que o li num extracto que a não citava.

Condenava o celebre escriptor a instrucção sem Deus.

Apresentou uma estatistica dos analphabetos em Portugal, por concelhos. A' face della demonstrou que o concelho de Famalicao era o que maior contingente dava para aquella estatistica. Depois apresentou outra da criminalidade e demonstrou que o dito concelho era o que menor contingente tinha dado para ella.

A conclusão é facil de tirar. A applicação mette-se pelos olhos.

Os exemplos e as opiniões autorizadas sobre este assumpto não têm numero, como sabem todos aquelles que lêem alguma coisa e não olham só para a casca dos factos. Não ha pensador sensato e que olhe para as cousas com olhos de vér, que não sinta que, se a instrucção é de grande

importância para o aperfeiçoamento do homem, muito mais sem comparação, o é o sentimento religioso; e que, se é certo que a religião se auxilia poderosamente da instrucção, quando bem dirigida, não o é menos que esta, quando divorciada daquella, não só é estéril e incompleta, mais ainda se converte, pela maior parte das vezes, em fecundo seminario dos mais perigosos flagícios, em manancial das mais funestas aberrações da ordem moral, que constituem o pão quotidiano das sociedades sem Deus.

Nem precisamos de insistir mais na materia: por demais está ella ha muito demonstrada.

Antes de fechar este trabalho, cabe ainda consignar umas advertencias.

Na exposição dos factos, que deixo referidos, fui sempre consciencioso, baseando-me nas melhores informações e esforçando-me por não ser temerario na minha critica.

Não tenho porém a pretensão de ser infallivel, admittindo consequentemente a possibilidade de ter errado num ou noutro ponto. Mas, logo que alguém me demonstre que errei, se fôr coisa que valha a pena, virei tão espontaneamente e com tanta lealdade desmentir-me em publico, como agora venho desassombadamente, embora obrigado, repôr os factos no seu pé, para legitimamente me defender de calumniosas e aggravantes imputações.

Se alguém julgar que ainda não bastam as explicações com que procure restabelecer a verdade sobre o caso incriminado, ou os argumentos com que me esforço por demonstrar as minhas affirmações, tenha a franqueza de me exigir mais: uma vez que ninguem se dirija a mim na baixissima linguagem em que alguém, que escreve na «Voz Publica», se dirigiu no dia 18 do corrente ao correspondente das Taipas para «A Palavra». Semelhante linguagem não fica mal a quem escreve em certas gazetas (é natural que cada um siga o rasto que mais lhe enche e satisfaz as narinas); mas destoa muito da seriedade e apuro que em tudo deve mostrar o homem de bem.

Aquelles pois que vierem por taes vias não terão resposta.

P. S.—Só depois de concluido este trabalho, na vespera de eu o apresentar á imprensa, é que li um communicado de «O Commercio do Porto», em que os snrs. correspondentes de Guimarães e das Taipas subscrevem um emprazamento, em que metteram o meu nome.

Quisera dar-lhes a resposta devida em termos habeis: não mo permite porém o espaço de que posso dispôr, nem tal resposta julgo já muito necessaria, porque assás me alarguei sobre o caso, e do que dito fica já os snrs. correspondentes podem colher fartas informações. E ainda, como o principal alvo do dito communicado é o correspondente das Taipas para «A Palavra» não convem que eu arrojue a mim a tarefa, que melhor fica aquelle cavalheiro, o qual por certo se encarregará de pô as coisas nos seus termos.

Chamo a attenção dos leitores para os documentos que seguem.

Mosteiro do Souto, 24 de Setembro de 1902.

O Prior, Luiz Dias da Silva.

Documentos

Ex.^{mo} Snr.

Como umas palavras que eu profiri no jantar da missa nova do Padre Silva Gonçalves e das quaes muito se tem abusado na imprensa para denegrir o meu nome, se não a classe a que pertencem, foram pronunciadas em conversa com V. Ex.^a, devo suppôr com bem fundadas razões que V. Ex.^a foi o informador dos correspondentes de Guimarães e das Taipas para «O Commercio do Porto», ou pelo menos que elles

respeito da intrepertação que se devia dar ás minhas palavras. Porém em assumpto tão melindroso não devo estar em duvida; e só V. Ex.^a me pode tirar della.

Não por ter direito algum ás finezas de V. Ex.^a, mas pelas excellentes qualidades que tantas vezes tenho ouvido attribuir-lhe, ousei pedir a V. Ex.^a o favor de me dizer se interpretou as minhas palavras como prova segura de que sou «inimigo da instrucção» e se se recorda de eu dizer que «estavamos perfeitamente de accordo», quando V. Ex.^a afirmou que, se estivesse em seu poder, elevaria a vinte contos a verba camararia para instrucção primaria, e finalmente se se recorda de eu dizer bem alto que se considerava o Snr. Crespo como um professor digno. Se tiver a honra duma resposta, ousei pedir mais a fineza de consentir que faça della o uso que fôr de justiça.

Souto, 14—9—902.

Sou

De V. Ex.^a
Attento Venerador e Criado

P. Luiz Dias da Silva.

... Snr.

Em resposta á carta de V... de 14 do corrente, tenho a dizer o seguinte:

Ignoro quaes sejam as *ben fundadas razões* que V... tenha para suppôr-me o informador dos correspondentes de «O Commercio do Porto» em Guimarães e Taipas acerca do occorrido no banquete de missa nova do Padre Silva Gonçalves, de Travanca, no qual tomaram parte, como V... sabe, centenas de pessoas, entre as quaes foi notado um dos mesmos correspondentes, nosso conhecido, parente do novo clerigo; assim como é para mim ponto obscuro qual o interesse ou necessidade que podessem ter os correspondentes da acreditada folha portuense de consultarem a minha humilde individualidade sobre a interpretação das palavras de V... proferidas nessa reunião.

E' publico e é facto que V... disse e foi ouvido por grande numero de convivias, que quando voltasse a ser camarista cortaria do orçamento a verba de dez contos que a Camara de Guimarães dispense com a Instrucção Primaria. E disse isso em seguida a um incidente levantado por um clerigo de nossas relações, a proposito do ensino primario, incidente em que pareceu-me insinuar-se que os nossos professores não eram competentes para ministrar a educação á infancia, porquanto casos se conheciam em que os alumnos não sabiam dizer a Salve Rainha. Isto se levantou quando o professor Crespo, a exemplo doutros oradores, felicitando o novo levita fazia a modesta resenha de serviços que tambem lhe prestara — ensinar-lhe o ABC, o primeiro passo para todos os outros conhecimentos.

Dizendo V... instantes depois, naturalmente no sentido politico, que «ainda haviamos de trabalhar unidos», eu respondi em palestra que jámais tal se daria por eu não poder conformar-me com a opinião de V... de mandar eliminar a verba destinada á Instrucção Primaria, verba que eu, se podesse, faria elevar ao duplo ou triplo, pois que era e sou dos que para estradas e escolas não regateiam o voto, sendo tambem certo V... replicar «que dentro em pouco estariamos de accordo».

Quanto á minha convicção sobre o verdadeiro sentido daquellas suas palavras devo declarar que não vi nas mesmas «a prova segura de ser V. inimigo da Instrucção», mas sim naturalmente uma forma de protesto contra o desleixo porventura observado em alguns Snrs. Professores, que desleixados os ha em todas as classes, ainda as mais respeitaveis, e por isso mesmo aquellas cujos membros deveriam ser os mais correctos e exemplares cumpridores dos seus deveres. Eu não defendo nem accuso, mas o que me parece estranho e injusto é que se culpe o professor por não ensinar a Salve Rainha aos rapazes, não se culpando o padre, seja elle quem fôr, que é quem de facto tem a obrigação de lhe ensinar.

Completando ainda os desejos de V... manifestados na alludida carta, direi ainda ser certo que ouvi V... dizer, quando o lamentavel incidente terminava, e isso em voz alta, que alias é o modo natural de V... fallar «que considerava o Snr. Crespo um professor digno»; phrase que ouvi ainda repetir a outros Snrs. ecclesiasticos e cavalheiros presentes, como era de inteira justiça.

Destas mal traçadas «linhas», palavra que por esquecimento se não encontra no original) pode V... fazer o uso que lhe convier, no sentido de definir posições, querendo, e esclarecer a verdade, Sande, 15 de setembro de 1902.

De V...
Amigo e Criado Obrigadissimo
Antonio da Silva Carvalho Salgado.

Ex.^{mo} Snr.

Recebi a carta de V. Ex.^a, que muito agradeço, não só pela promptidão com que accedeu ao meu pedido, mas tambem por me dar ensejo a reformar o juizo que tinha feito de V. Ex.^a seria o informador dos correspondentes de «O Commercio do Porto», ou que elles teriam ouvido a opinião de V. Ex.^a a respeito da interpretação das minhas palavras. Retiro pois com muito gosto esta parte da minha primeira carta a V. Ex.^a e peço desculpa por a ter escripto, pois agora reconheço não terem

(1) A de Mosteiro do Souto.

(2) E' bem que aqui diga em parentese que, por este tempo, já não havia exames nem distribuição de premios na "Escola Briteirense". Encontrando-me com o Ex.^{mo} Seraphim Antunes Guimarães, perguntei-lhe o motivo.

Louvo a fidelidade com que V. Ex.^a narra os factos acontecidos no lamentável incidente, no qual eu não tive culpa, apesar de ser a única victima: concordo com quasi todas as apreciações que delles faz e agradeço a interpretação que dá ás minhas *celebres* palavras, a qual é a unica verdadeira, o que affirmo de cabeça erguida e sob minha palavra de honra, para não dizer sob juramento.

Como poderia eu pronuncia-las para serem interpretadas destacadamente e á letra, tendo eu formado a resolução inabalável de não mais ser camarista? Demais: quem interpreta essas minhas palavras á letra, deve apressar-se a requerer a minha inclusão num hospital de alienados; pois quem affirma que, sendo camarista, eliminará a verba para instrução primaria, suppondo-se com poderes para tanto, dá evidente indicio de alienação mental.

Reconheço que para manifestar o meu pensamento, que é totalmente opposto ao que se me attribue nas taes correspondencias, não devia usar dessas palavras. Mas quem ha ahí que ainda que tenha o dom da palavra, como o Sr. Professor de Sande, não tinha tido o desgosto de ver, uma vez por outra, a tração do seu pensamento pelas palavras que no momento acodem aos labios? Atrair a primeira pedra deve fazê-lo sómente aquelle, a quem tal desastre nunca aconteceu. Creio que o Sr. Crespo, por mais elevado que seja o grau de vaidade, que o domine, não terá a pretensão de se incluir no numero destes.

Portanto só uma má vontade contra mim, que eu a seu tempo explicarei, podia levar aquelle cavalheiro a transmittir á imprensa, para denegrir o meu nome, uma interpretação tao alheia á verdade e evidentemente maliciosa.

Tenho a consciencia de que me tenho sacrificado muito pela instrução das creanças e do povo e sinto paixão por essa obra de tanto alcance.

A força desta paixão, ao ver que aos sacrificios que o municipio, ou antes os municipes fazem pela instrução, não correspondem os resultados obtidos, eis o que me levou a exprimir, por aquelle modo, o pensamento que me dominava.

Como estes resultados estão muito longe de serem o que deviam ser é evidente para todo aquelle que consultar os ultimos recenseamentos da população. O numero dos analfabetos é hoje quasi o mesmo que era quando havia menos escolas officiaes e mais professores particulares.

Da carta de V. Ex.^a parece concluir-se que não é apologeta do ensino das verdades fundamentaes da religião e dos principios da sa moral nas escolas. Neste ponto, permitta-me V. Ex.^a que lhe diga que estamos em desacôrdo. Sei que depois dos paes, pertence aos parochos aquelle grande dever; e se destes alguns o não cumprem eu serei o primeiro a censurá-los, e se fosse autoridade castigá-los-hia severamente. Banir porém completamente das escolas esse ensino num paiz, cuja religião official é a Catholica, Apostolica, Romana, além de ser um desastre pelas consequencias, é uma traição feita aos espiritos juvenis.

A classe a que pertengo, pelos seus defeitos torna-se digna de muitas e justas censuras: e porque não ha nenhuma que os nao tenha, como V. Ex.^a diz, não pode haver privilegios de invulnerabilidade para nenhuma, nem mesmo para a do professorado primario, ainda que della faça parte o Ex.^{mo} Sr. Crespo.

Para terminar permitta-me V. Ex.^a que lhe diga que a sua memoria o atraiçoa num ponto aliás muito importante.

Não foi sómente quando fallamos, em palestra, sobre politica, que eu disse a V. Ex.^a que esperava que em breve estaríamos de accôrdo.

Quando V. Ex.^a disse que se estivesse em seu poder duplicaria ou triplicaria a verba para instrução primaria, eu prevendo o má resultado das minhas primeiras palavras, perante pessoas ignorantes, ou de má fé, apressei-me, para as corrigir, a dizer — para ser bem empregada (a verba duplicada) tambem eu (a votaria); estamos de accôrdo.

Desculpe V. Ex.^a estes desabaços: bem sei que não era aqui o logar proprio para elles.

Creia que sou com estima
Souto, 17—9—902.

De V. Ex.^a
Att.^o Venerador e Criado Obg.^o
Luiz Dias da Silva, Prior de Souto.

E' possível que entre esta cópia e o original haja differença em algumas palavras; porque parte desta copia foi feita de memoria depois de o original ter sido entregue no correio. No original deve haver tambem um P. S., em que se lê pouco mais ou menos o seguinte: «Por ser a hora de o correio partir, foi escripta á pressa e vai sem revisão.»

A esta carta dignou-se ainda o Ex.^{mo} Sr. Salgado responder em 19 de setembro. Estas finezas de S. Ex.^a não são devidas a relações de amizade, que nos ligassem, pois nenhuma entre nós existiam, mas sómente ao excellentemente caracter de que S. Ex.^a é adornado, á nobre independencia que o torna superior a baixeza,

ao amor da justiça e da verdade, que o norteia para não condemnar o seu semelhante sem provas.

Eis a resposta de S. Ex.^a:
... Am.^o e Rev. Snr.

Tenho «presente» esta palavra falta no original, de certo por esquecimento) o estimado obsequio de V. ... de antehontem e de tudo fico muito certo, restando-me dar resposta ao topico final e esclarecer o caso que levou V. ... a concluir que eu não seja apologeta do ensino religioso nas escolas.

No primeiro caso:—Não estou bem certo se ouvi a V. ... dizer «para ser bem applicada estamos daccôrdo» V. ... porém que o assevera é porque realmente o disse. Do que eu tenho bastante certeza é de ter eu dito «que V. ... exija que a verba camararia seja bem applicada, estamos perfeitamente de accôrdo».

E certamente então V. ... repetiu e repetiria «de accôrdo».

No segundo:—Eu não condemno o ensino religioso nas escolas ou fora dellas, seja elementar ou seja superior: o que eu quiz evidenciar e é facil de comprehender: é que o não cumprimento dessa parte da educação da infancia pode talvez ser relevado aos senhores Professores, mas nunca aos senhores Parochos, que a deverão ensinar sempre, ainda mesmo aos que não frequentam as escolas e que infelizmente são em grande numero.

Julgando ter satisfeito os desejos de V. ... faço aqui ponto, ficando ás ordens para tudo que lhe possa ser agradável o

De V. ...
Am.^o certo e respeitador.
Antonio da Silva Carvalho Salgado.

Ao receber o documento que se segue, accudiram-me espontaneamente ao espirito estas palavras do Real Propheta: «*Secundum multitudinem miserationum tuarum consolationes tuae laetificaverunt animam meam*»; a medida das consolações que o Senhor me dispensou foi regulada pela das afflicções.

... Rev.^{mo} Sr.

Como alguém, guiado por uma requintada má fé, tenha querido enlamear o respeitavel caracter de V. Rev.^a com a feia nodosa de retrogrado e contrario á instrução litteraria das creanças, a nossa consciencia chama-nos a campo para virmos protestar bem alto contra tal mentira. Logo no segundo anno que V. Rev.^a parochiava a freguezia de Souto, rodeado duma enormidade de serviços, tanto parochiaes como oratorios, generosamente se offereceu V. Rev.^a para ser nosso mestre de primeiras letras. Nossos paes, muito reconhecidos, acceitaram tao alta fineza e V. Rev.^a lá nos foi guiando desde o — a. e. i. o. u — da «Cartilha Maternal» de João de Deus, até ao dictado, *sistema métrico e principios de arithmetica* etc.

Nos fins de 1887, depois de dois annos, ou pouco mais, de uma frequência bastante regular, apesar dos muitos e complicados trabalhos de V. Rev.^a, que muitas vezes vinham a limitar o tempo de aula a uma hora por dia, ou menos ainda; como a nossa idade exigisse um mais rapido andamento e se tornasse urgente o estudo da grammatica e analyse com mais applicação, fomos para Braga e em seguida fizemos o primeiro exame, que era então o de *Elementar*. A nós vieram juntar-se, em casa de V. Rev.^a, mais alguns; uns para principiarem, outros para se aperfeiçoarem, e assim, chegamos a ser uns sete, numero que, infelizmente, se não encontra ao visitar uma escola official, muitas vezes.

Hoje, Rev.^{mo} Sr., os seus primitivos discipulos de primeiras letras em Souto são paes. Somos nós, e devemos dizer que, se para o chegarmos a ser muito devemos á grande dedicação e desinteressados serviços de V. Rev.^a, a sua vaidade nunca o levou a dizer-se, quer publica, quer particularmente, causa e fundamento na nossa ordenação. Dizemos hoje para muita honra de V. Rev.^a que andaríamos roçando em vez de sermos paes, se não fossem os bons serviços que V. Rev.^a nos prestou: porém, nunca V. Rev.^a o disse.

Se V. Rev.^a foi zelosissimo ensinando as primeiras letras, gratuitamente e com grande sacrificio, a rapazes, no geral pobres, e a alguns adultos, numa escola nocturna, o zelo e actividade de V. Rev.^a eleva-se mais um pouco, quando se trata da educação religiosa das creanças, que será, ao que nos parece, a pedra de mais fulgurante brilho, que, no decorrer de uns quatro lustros, engrinalda o seu diadema de parcho modelo, unica razão talvez, porque a tórpe inveja tenta assim espiçá-lo. E que diremos ainda, Rev.^{mo} Sr., do cuidado que V. Rev.^a sempre tem mostrado pelos proprios interesses temporaes dos seus freguezes? E' inimigo da instrução popular o parcho que não perde occasião de inculcar ao seu povo os melhores principios de hygiene, de agricultura, de vinicultura, co.no a sulphatação, a sulphuração de vasilhas, a trasfega dos vinhos, etc.; de preveni-los contra o perigo que lhes arman revol-

tantes falsificações, como a do pão e do azeite e excitando-os a que cuidem dos olivares, etc., para não estarem sempre opprimidos por uma perigosa exploração, e dando-lhes outros avisos e instruções de utilidade, que o pobre povo desconheceria, no meio do seu labutar constante, se não fôsse ensinado por este meio tao social, tao caritativo e tao digno de ser imitado? Ah! fica Rev.^{mo} Sr. a nossa declaração e o nosso energico protesto contra o que tao aleivosamente se tem atritado para ahí de arremetida á provadissima reputação de V. Rev.^a

Faça V. Rev.^a desta nossa carta o uso que entender; como porém nos pareça que ella terá de ver a luz da publicidade, seja tambem publica a retribuição e agradecimento da muita amizade e dedicação que V. Rev.^a sempre consagrou aos que muito se honram em ser

De V. Rev.^a
amg.^o crd.^o att.^o ven.^o e obg.^o
Padre Manuel Martins de Macedo
Padre Seraphim Fernandes de Lima.

No dia 14 do corrente, seguinte aquelle em que tive conhecimento do que se dizia a respeito do incidente na correspondencia das Taipas para «O Commercio do Porto», escrevi ao Ex.^{mo} Sr. José Joaquim Ferreira Monteiro a seguinte carta:

Amigo e Snr.

Como o meu bom amigo, no jantar da missa nova do Padre Silva Gonçalves, estava em frente de mim, creio que ouviria a conversa que eu tive com o Ex.^{mo} Carvalho Salgado, a respeito de «Escolas Primarias». No caso affirmativo, o meu bom amigo interpretou as minhas palavras como prova evidente de que eu sou *inimigo da instrução*, ou antes poderá alguém de sa criterio o fundamentar nas minhas palavras aquella accusação? O amigo ouviu eu dizer ao dito Sr. Salgado que «estavamos perfeitamente de accôrdo», quando elle affirmou que, se estivesse em seu poder fazê-lo, elevaria a vinte contos a verba camararia para instrução primaria! Pela resposta a estas perguntas com auctorização de fazer della o uso que me aprouver, muito obsequia o

Seu amigo dedicado e muito obrigado

Padre Luiz Dias da Silva.

S. Ex.^a, cuja integridade de caracter todos ahí conhecem, dignou-se enviar-me a seguinte resposta, que desde já muito penhorado agradeço, apesar de ser um tributo prestado á causa da verdade e da justiça:

... Snr. e Amigo

Accuso a recepção de uma carta de de V. ... de 14 do corrente, á qual não respondi logo pelos muitos affazeres que tenho tido, por cuja demora peço me desculpe.

Satisfazendo ao pedido de V. ... cumpri-me dizer-lhe que presencié o lamentavel incidente levantado no jantar da missa nova do nosso amigo Padre Silva Gonçalves, onde estavam grande numero de amigos deste; e nessa altura pouco mais ou menos, ouvi dizer a V. ... que, «se voltasse a ser camarista, cortaria a verba de dez contos de réis destinados á instrução primaria. A estas phrases respondeu o Ex.^{mo} Sr. Carvalho Salgado, que, se estivesse na sua alçada, elevaria a referida verba a vinte contos, dizendo-lhe V. ... no mesmo acto, que estava perfeitamente de accôrdo. Emquanto ás expressões de V. ... parece-me ver nellas um protesto contra os professores primarios desleixados e ineptos, que os ha infelizmente. Sendo V. ... um padre illustrado, permitta-me que lhe diga que não pôde de forma alguma ser inimigo da instrução. Pôde V. ... fazer desta o uso que lhe convier; e mande sempre o que é

25—9—902.

De V. ... amigo muito etc.

José Monteiro.

Segue-se um documento, que eu considero, pela sua simplicidade e sinceridade, como a melhor peça deste processo:

... Snr. Prior

Eu abaixo assignado declaro para todos os effeitos que sendo creado da lavoura no Souto e tendo de idade proximalmente uns vinte e oito annos, o Rev.^{mo} Luiz Dias da Silva, Prior daquelle freguezia, em algumas noites de inverno ensinou a mim as primeiras letras pelo methodo de João de Deus ficando eu no caso de pouco tempo a

ler alguma coisa e a fazer o meu nome de modo que podesse lêr-se.

S. Miguel de Creixomile, 21 de setembro de 902.

Francisco da Silva.

Escrevi tambem ao Ex.^{mo} Sr. Francisco José da Costa e Silva, das Taipas, a carta seguinte:

Ex.^{mo} Amigo e Snr.

Acabo de saber que tenho sido considerado como inimigo da instrução pelos correspondentes das Taipas e Guimarães para «O Commercio do Porto».

Preciso de lavar-me, porque nunca perdi os sentimentos de brio e dignidade.

Creio pois que V. Ex.^a não se recusará a dizer-me por escripto quaes as impressões que lhe restam a respeito do modo como exerci as funções de professor da «Escola Briteirense», desde o anno de 1876 a 1879 inclusive.

Faço este pedido por me recordar de que V. Ex.^a assistiu sempre aos exames, que se fazia mmo fim de cada anno lectivo, por occasião da distribuição de premios.

Por este favor desde já me confesso

Souto, 14-9-902.

De V. Ex.^a attento
venerador e creado obrigadissimo

Padre Luiz Dias da Silva.

P. S.—Peco mais o favor de consentir que faça da resposta o uso que me aprouver.

Prior Dias

Não publico a resposta de S. Ex.^a, que muito agradeço, por não ver na carta que a contem auctorização para isso, o que attribuo a esquecimento ou falta de reparo no P. S. supra. Não posso porém deixar de dizer que S. Ex.^a nessa carta usou para commigo de expressões de louvor como parcho e professor da «Escola de Briteiros», que muito me confundem e animam a trilhar até ao fim da vida a senda que tenho seguido. Agradeço ainda a sinceridade com que S. Ex.^a pôs á minha disposição o seu nome, pois está prompto a defender-me em toda a parte, como parcho e professor.

Na mesma data dirigi ao Ex.^{mo} Abbaide José do Egypto a seguinte carta:

Meu bom Am.^o

Acabo de saber que tenho sido alcunhado de *inimigo da instrução* pelos correspondentes, etc.

Não a ponho na integra por que nella fazia a S. Ex.^a as mesmas perguntas que fiz ao Ex.^{mo} Ferreira Monteiro.

Até hoje (26 do corrente) não recebi resposta de S. Ex.^a, o que attribuo a descaminho no correio, o que frequentes vezes acontece, infelizmente.

Todos os que conhecem a irreprehensivel conducta de S. Ex.^a não attribuirão o facto a outra causa. Demais os que conhecem S. Ex.^a imaginam perfeitamente qual seria a sua resposta, porque encontra-se sempre ao lado da causa da verdade e da justiça.

No dia 16 enviei ao Ex.^{mo} Sr. Conselheiro Seraphim Antunes Guimarães a seguinte carta:

Ex.^{mo} Snr.

Por causa duma má interpretação dada a umas palavras que preferi no jantar da missa nova do Padre Silva Gonçalves tenho sido alcunhado de *inimigo da instrução*, em correspondencias de Guimarães e Taipas para «O Commercio do Porto».

Preciso de me lavar desta nodosa, porque ainda não perdi os sentimentos de brio e dignidade. Peço pois a V. Ex.^a o obsequio de dizer em carta, da qual eu possa fazer o uso que me aprouver, franca e claramente, o juizo que faz a respeito da minha regencia da «Escola Briteirense», desde o anno de 1876 a 1879 inclusive; bem como o juizo que da mesma regencia fizeram algumas das muitas pessoas de respeitabilidade (de cujos nomes V. Ex.^a se recorde) que assistiram aos exames que na dicta Escola e durante a citada regencia se faziam no fim do anno por occasião da distribuição de premios.

Ainda ousou pedir o obsequio de declarar se em frequentes conversas, que então e mesmo depois tivemos a respeito da necessidade da instrução, concluiu alguma vez das minhas palavras que eu fosse ou seja *inimigo da instrução*.

Por ultimo note V. Ex.^a que eu peço o obsequio duma resposta, mas não peço o favor de me favorecer além do que for justo, nem mesmo V. Ex.^a se prestaria a isso, attenta a integridade de caracter que o exporna.

Sou com respeito e estima

15—9—902.

De V. Ex.^a
Att.^o Venerador e Crd.^o Obg.^o

Luiz Dias da Silva, Prior de Souto.

Até hoje não recebi a resposta de S. Ex.^a Soube que na occasião em que lhe enviei a carta supra S. Ex.^a estava em preparativos para sair de Braga para uma viagem de recreio, pelo sul do nosso pais.

Mesmo depois de tomar a resolução de elucidar o publico sobre o já tao celebre incidente, e de o constituir juiz nesta causa, não me apressei muito na organização do processo, porque desejava estar a perfeito sangue frio. Agora não convinha haver mais demoras, porque a outra parte litigante deve estar impaciente.

Desisto pois de esperar pela resposta de S. Ex.^a Creio que os meus detractores muito lucrarão com isso. Se porém desejam fazer ideia do que seria essa resposta, queiram ouvir o Ex.^{mo} Sr. Francisco José da Costa e Silva, das Taipas, o qual sabe melhor do que eu, quaes eram as impressões do Ex.^{mo} Sr. Conselheiro Seraphim Antunes, a respeito da minha humilde pessoa, como professor da «Escola Briteirense».

Todas as peças deste processo vão com vista á firma Oliveira Crespo, ou antes ao Ex.^{mo} Sr. José Antonio Crespo Guimarães, professor official em S. Martinho de Sande e sollicito correspondente das Taipas para o conceituado jornal *O Commercio do Porto*.

Só me resolvi a pôr por extenso o seu nome, desde que vi o meu com todas as letras no communicado de *O Commercio do Porto*, de 18 do corrente, assignado pela firma supra.

Leia S. Ex.^a, releia e torne a lêr. Depois tome a pena e escreva o que a sua consciencia lhe dictar. Se nesta altura a sua consciencia estiver livre de coacção, eu e o publico já sabemos qual é o parecer que vai exarar.

E' o seguinte = VISTO O PROCESSO, prova-se que o réo não foi o causador do incidente: não é inimigo da instrução. Promova-se processo contra os professores que não cumprem com o seu dever: e antes de todos contra os três que mais do que ninguém comprometteram neste incidente a nobre e benemerita classe do professorado primario a que pertencem. O publico accrescentará = Estou conforme.

Que Deus os fade bem é o sincero desejo deste

Mosteiro de Souto
25—9—902.

De S. Ex.^a
admirador e creado
obrigadissimo

O Prior, Luiz Dias da Silva.